Tratado da Confiança na Mente
Hsin Hsin Ming

Tradução: Amadeu António

O tratado da Confiança na Mente (ou Fé no Espírito) fica a dever-se, segundo alguns historiadores, ao patriarca chinês do Budismo Chan, Seng T'san (Sosan, em japonês). Nele se descreve a transmissão da iluminação característica do Zen (que ocorre mente-a-mente) transmissão essa que se operou entre o seu autor e o patriarca Hui'ko.

Neste pequeno esboço poético, a Não Dualidade afirma-se como tema predominante, procurando criar uma alusão ao facto de que, se a união Mente / Coração constituir uma função conjunta e equilibrada em meio à nossa experiência comum de vida, sem apelar à distinção entre sujeito e objeto, então dela poderá surgir uma confiança natural, genuína e auto imanente, que dispensará toda a confirmação externa acessória, de forma que a experiência e a natureza das coisas manifestar-se-ão tal como são.

Decorrente desta, resulta uma outra impressão subjacente ao espírito de esclarecimento, concisa, que, permeada de uma subtil compreensão intuitiva, representa uma condição de despertar intemporal e destituída de medida. Conquanto alguns dos conceitos aqui apresentados pareçam desconhecidos, apropriam-se, todavia, de forma pertinente a uma eclosão de sentido, se nos libertarmos de toda a condescendente subjetividade. Desse modo, expressões como *semelhante*, *unidade de espirito*, e *não dualidade*, procuram aludir diretamente àquilo que, por intermédio da verbalização pura - por meio do recurso a conceitos gastos por séculos de uma cultura unilateral - se não conseguiu substituir à realidade e, desse modo permanece além do domínio do prazer, de algum modo acessível e inteligível somente pelo estabelecimento de uma condição de abordagem correta, por uma compreensão interior equilibrada e consolidada.

A confiança constitui a mais elevada forma de conquista que podemos realizar, pois reúne as bases de consolidação do Real. Dito isto, cumpre definir o que ela não é, primordialmente, a fim de não "metermos os pés pelas mãos" e investirmos energias (falsas esperanças e credulidade) à toa no terreno do mutável e inevitável que subentende a vida e suas transformações. Nós somos o resultado de um fenómeno coletivo; o produto de um sem-número de ações e condicionantes estabelecidas e cimentadas no terreno da dor pela separação, do apego pela materialidade, do temor pelo desconhecido, e nesse sentido, tendemos a apegar-nos a conceções estreitas e limitadas condicionadas pela experiência da identificação com os sentidos e com as impressões que da sua ação resultam.

O Texto

O Caminho Perfeito não conhece dificuldades
Mas recusa, tão só, preferências e escolhas
E reside na ação destituída de amor e ódio;
Assim, permanece claro e destituído de artificialidade.

Contudo, à mais pequena distinção,
Céu e Terra separam-se em grande extensão;
Se quiseres perceber a Verdade com clareza,
Afasta tanto as opiniões favoráveis quanto as adversas.

Quando aceitação e rejeição entram a competir entre si,
Isso representa um autêntico padecimento para a mente;
Se não apreenderes o significado de modo profundo,
Em vão lutarás para acalmar os pensamentos.

O Caminho é perfeito como o vasto Universo;
Nada lhe falta e nada lhe é supérfluo.
Certamente, porém, é por se fazerem escolhas
Que a sua igualdade acaba perdida.

Não persigas as qualidades contrárias à realidade!
Quando o espírito permanece sereno na unidade das coisas
A dualidade dissolve-se por si mesma.

As tentativas que empreenderes para deter a atividade da mente,
Só te encherão de atividade.
A mera preservação do vazio pode resultar na contradição;
Enquanto persistires nos dois extremos,
De que forma poderás compreender a unidade?

Quando falhamos na realização plena da Unidade
Ambos os contrários perdem o seu mérito.
Nega a realidade opressora e afirmar-lhe-ás o carácter;
Procura a afirmação da Perfeição e negá-la-ás.

Quanto mais palavras e reflexões usares,
Menos capaz serás de enfrentar os factos.
Se não perceberes as coisas como fáceis nem difíceis,
Como haverás de favorecer uma em detrimento da outra?
Se retornares à raiz,
Encontrarás o significado de todas as coisas;
Na verdade, não haverá lugar por onde não possas passar.

Se te votares a perseguir as aparências,
Perderás de vista a fonte original.
Quando nos voltamos para a raiz realizamos o significado;
Despertar é ir além do vazio, do mesmo modo que da forma,
E superar o confronto existente entre nós e o mundo.

As transformações que sucedem
Num mundo vazio, em oposição ao nosso ser,
Parecem-nos reais por causa da ignorância;
Deixem somente de perseguir a verdade
E abandonai as opiniões, ingénuas.

Não permaneças na dualidade
E abstém-te de ir no seu encalço;
Enquanto subsistir um só traço de justo ou falso,
Certo ou errado, deverá reinar a confusão
E o verdadeiro Espírito perder-se-á, conturbado.

A dualidade existe por causa da Unidade.
Contudo, não deves nem mesmo tentar preservar essa unidade.
Quando o espírito da Unidade permanecer imperturbável,
Todas as coisas manifestarão ausência de ofensa e erro.

E quando coisa alguma constitui ofensa
Então todas as abstrações se esvaem.
A visão parcial, o preconceito e o sujeito pensante
São aniquilados com a cessação do objeto do pensamento,
E o sujeito cessa com a inexistência do objeto.

Porque, as coisas são aquilo que são, por causa do espirito,
Do mesmo modo que o espirito é o que é, em função das coisas;
Se quiseres conhecer a relatividade desse encadeamento,
Percebe o quanto ambos constituem, fundamentalmente,
O Vazio da Unidade.

No vazio eles não são dois, e desse modo,
Em cada aspeto desses estão todas as formas contidas;
Se não tiveres perceção das coisas como *boas* ou *más*
Nem perceberes o grosseiro e o subtil
Como poderás tomar partido
Ou suceder uma visão preconcebida?

A essência do Caminho Perfeito é imensa;
Nada é fácil nem demasiado árduo.
Vistas estreitas são irresolutas
As mais eficazes são aquelas que tardam mais.

O apego implica a incapacidade
De nos libertarmos dos limites estreitos.
Abandona tão só o pensamento, que tende a dissociar,
E todas as coisas serão simplesmente o que são.
Torna-te estranho para com a toda a preocupação
E as coisas seguirão a sua natureza espontânea;
No fim, não haverá avanço nem retrocesso.

Obedece à natureza das coisas
E achar-te-ás em perfeito acordo com o Caminho;
Calmo, desarmado e livres de paixões.
Uma vez tornado presa das associações dos pensamentos
Encontrar-te-ás a rumar contra a verdade,
E isso pesa como um autêntico fardo.
Porque continuar a ajuizar em termos de *bem* e de *mal*?

Se seguires o Caminho da Unidade
Jamais rejeitarás o domínio dos sentidos.
Toda a dúvida e inquietação serão purificadas
Pela harmonia e retidão da verdadeira fé.
Nada haverá a pensar ou a recordar
Pois tal como é,
O mundo dos sentidos constitui perfeito esclarecimento.

O homem sensato, sábio, não procura nenhum alvo,
Nem executa ação alguma especial.
Os néscios tornam-se por si mesmos dependentes
Dos objetos particulares da ignorância.
O Caminho não conhece qualquer diferenciação nem individuação
É a tua mente que cria tal ilusão.

Procurar a Imensidão da Mente por meio do pensamento,
Doutrinar o espirito para dele te servires;
Isso certamente constitui um erro colossal.
A tua luz brilha na clareza da singularidade do Vazio!
Para lá de todos os cálculos
Que brotam do domínio cognitivo e sensorial.

A ilusão gera as dualidades.
Os seus sonhos são como pétalas ao vento
Porque te deverás empenhar com ardor a procurar afastá-las?
Ganho e perda, verdadeiro e falso;
Desembaraça-te disso de uma vez por todas!

Se o Olho da Mente não se tornar desatento
Os sonhos cessarão por si mesmos.
Se a mente não usar discriminação
Mas retiver o seu carácter absoluto,
As dez mil coisas serão uma única, similar.
Os sensatos voltar-se-ão para essa fonte
Permanecendo naquilo que são.

A essência da semelhança constitui um profundo mistério
Que nos liberta de todos os entraves.
Quando tudo for Um, com a equidade de espírito de *ser o que é,*
Retornaremos à nossa origem
E permaneceremos onde sempre estivemos
Com todas as dez direções diante de nós.

Esse espírito de simplicidade
Vai bastante além de todas as razões e comparações;
E o menor torna-se um com o maior.
Detém o movimento e ele deixará de existir,
Preserva a quietude e ela desvanecer-se-á. (1)
Quando repouso e movimento deixam de existir
A própria unidade das coisas desaparece
E do mesmo modo a sua razão.

Quando a dualidade não mais for sustentável,
Nem mesmo a própria unidade terá razão de ser.
A finalidade além de todas as leis ou razão
Não pode ser descrita;
Aí, normas e padrões perdem o seu valor.
Na Mente da Harmonia reside o Princípio
Segundo o qual todas as ações se aquietam.
Quando a simplicidade se torna uma coisa só, com ela,
Isso passa a representar toda a Confiança. (essência da fé)

Quando a Confiança e a mente não perfizerem duas coisas distintas
E a inexistência de dualidade representar *Confiança* e *Mente,*
A confusão e as dúvidas desaparecerão.
A verdadeira fé impregnará então a nossa vida e nada se deterá;
Tudo é vazio e iluminado por si mesmo.
Mas não desperdices as energias da mente,
Porquanto nem o pensamento nem a imaginação
Poderão fazer-te evoluir para tal estado.

Na esfera da Lei,
No mais elevado reino da essência da Verdade,
Não há nem *eu* nem o *outro.*
Se a identificação direta for alcançada
Só se poderá referir: *não-dois.*
A verdadeira Fé significa não dualidade.

Nessa fé tudo se acha incluso e constitui uma mesma coisa
Sem que nada permaneça oculto.
Os sábios de todos os tempos e lugares
Despertaram para essa confiança absoluta.

Esta razão absoluta não se situa próximo nem distante
E tampouco possui tempo.
Um instante representam dez mil anos.
Não permanece presente nem ausente mas diante dos vossos olhos,
Em qualquer direção para que vos vireis.

O infinitamente pequeno
É tão *grande* como o infinitamente grande;
Aí os limites objetivos não têm lugar.
O mais forte é um com o mais fraco,
E o menor perfaz um só com o maior.

Ser- isso é a mesma coisa que *não ser;*
Não ser- isso significa o mesmo que *ser*!
Aquilo que é, é semelhante àquilo que não é;

O que não é, semelhante se torna ao que é.
Se isto ainda não resultar inteligível
Outra coisa não deveis defender.

A Unidade repousa em todas as coisas; tudo perfaz essa Unidade!
Conhecei isso e tudo se fará pleno e perfeito,
E não mais vos lamentareis pela vossa imperfeição.

Quando a confiança e a mente não mais forem divisivas
Estareis então no ponto que a palavra não pode traduzir.
Pois isso não pertence ao passado,
Ao presente, nem ao futuro.

Nota do Tradutor: 1- Deter o movimento ou sustentar a quietude como dois aspetos da mesma ação de distinção entre a ação e o objeto, que dá corpo a toda a vontade, mas que perfazem uma só grandeza subjetiva, objeto cognitivo dos sentidos.

Obras de Referência:
"Manuel de Bouddhisme Zen"- de Daisetz Teitaro Suzuki - Edições Dervy
"Les Fleurs du Vide" de Éric Rommeluère - Edições Grasset